

ROCHA, Everaldo P. Guimarães. “O que é etnocentrismo?”, São Paulo: Brasiliense, 1984.

Resenhado por Heber Junio Pereira Brasão¹
Priscilla Amaral Lima Vilela²
Denise Dias Alves Cocco³

Everardo P. Guimarães Rocha é um carioca nascido em um de outubro de 1951, fez seus estudos pré-universitários no Colégio São Vicente de Paula e, em 1975, formou-se em Comunicação Social na PUC do Rio de Janeiro. Em seguida, entrou para o Mestrado de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, completando o curso em 1979. Obteve ainda, em 1982, o grau de Mestre em Antropologia Social pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional da UFRJ. Nesta instituição, sob a orientação do Prof. Dr. Roberto da Matta, escreveu a dissertação “Magia e Capitalismo: um estudo antropológico da publicidade” na qual investiga a ideologia dos anúncios publicitários e procura compará-los aos mitos, rituais e ao pensamento mágico das sociedades tribais. Atualmente, é professor do Departamento de Comunicação Social da PUC/RJ, bolsista do CNPq e cursa o Doutorado em Antropologia Social do Museu Nacional. Tem diversos trabalhos publicados, entre os quais “Um índio Didático” na coletânea Testemunha Ocular: Textos de Antropologia Social do Cotidiano da Editora Brasiliense. A carreira como pesquisador o levou, entre outras “viagens”, à realização de estudos para o roteiro do filme Quilombo de Cacá Diégues onde aparece rápido, porém sinceramente, como ator.

Everardo aborda que o mundo do “eu” se via obrigado, frente ao “outro”, a pensar a diferença. Então, formou-se um conjunto de ideias, sendo que o primeiro procurava explicar a diferença entre os dois e ficou conhecida como “Evolucionismo”. Uma das explicações que se dava era a de que o outro era diferente devido ao grau de evolução, um outro grupo dizia que o

1-Licenciado em Letras, Filosofia e Sociologia, Pós graduado em Inspeção, supervisão e orientação escolar, Pós graduado em Linguística, Mestre em Educação pela Universidade de Uberaba. Coordenador dos Cursos de Ciências Biológicas, Letras e Pedagogia na UNIFUCAMP, Monte Carmelo. MG

2-Graduada em Pedagogia, Pós graduada em Administração, Planejamento, Inspeção, Supervisão e Orientação Educacional pela UNIFUCAMP.

3- Graduada em Ciências Biológicas pelo UNIFUCAMP

O que é etnocentrismo?

evolucionismo social era o motivo da diferença do “eu” e do “outro”. Contudo, o resultado foi a permanência do etnocentrismo.

Rocha relata que toda uma geração de antropólogos (Sir James George Frazer, Sir Edward Burnett Tylor, Lewis Morgan) começaram a produzir seus estudos consciente de que a presença do homem sobre a terra remontava a uma idade muito antiga, por isso, procuravam separar por etapas a evolução das sociedades que encontravam pelo mundo.

O autor retrata que a teoria de Sir James Frazer dispensava qualquer contato com o “outro”, qualquer “trabalho de campo”, porque tudo já estava pronto, era uma questão de juntar as culturas nos estádios já predominados da evolução. Já para Morgan, a “acumulação do saber” e o progresso das “faculdades mentais e morais dos homens” vão marcando as mudanças de estádios no caminho da evolução. Todas essas explicações geram o que foi o evolucionismo como primeiro eixo sistemático de pensamento sobre o “outro” dentro da Antropologia.

Guimarães comenta que acompanhando o etnocentrismo dentro da nossa ciência do “outro”, dentro da disciplina que estuda a diferença, encontramos muitas conquistas. A ordem dessas conquistas é feita em tempo linear, feito de causa e consequência, com um fato atrás do outro, alguém influenciando alguém, etc.

Everardo Rocha aborda que toda vez que um campo do conhecimento se abre, se lança de frente para a complexidade, ele também se relativiza. As possibilidades de explicação, por não serem mais de um tipo só, passam a se contrapor, a necessitarem de refinamento maior no seu debate. Porém, esta relativização faz com que seu papel, neste processo de fuga ao etnocentrismo, seja um pouco paradoxal. Ele ainda citou o exemplo de alguém que estilhaça um bolo de ideias superorganizadas com o evolucionismo e, no seu lugar, deixa os estilhaços como possibilidades a serem exploradas, mas não um novo bolo de ideias, isso foi o que Franz Boas fez. Os alunos de Boas levam adiante seu pensamento, recebem influências de outras ideias que já nasciam na Europa e mantêm bem vivo o jogo da Antropologia.

O autor relata que por mais distantes que pareçam ter sido evolucionismo e difusionismo, tinham algo ainda em comum, pois para os dois movimentos uma preocupação se fixou como questão fundamental, como um desafio permanente para o corpo teórico da Antropologia que dava seus primeiros passos e tanto num como no outro os trabalhos produzidos, via de regra, demonstravam a permanência de um tema.

O escritor afirma que a razão pela qual o funcionalismo relativizou pode ser

BRASÃO, H. J. P.; VILELA, P. A. L.; COCCO, D. D. A.

encontrada no fato de que ele iria se opor ao estudo diacrônico e se conjugar com os estudos sincrônicos. Assim a Antropologia se desvincula da história e parte para o estudo da sociedade do “outro” sem se preocupar com o passado dessa sociedade.

Rocha retrata que Durkheim afirma categoricamente uma ruptura: o social não se explica pelo individual, assim como os fenômenos psíquicos não se explicam pelos biológicos, o complexo pelo simples, o superior pelo inferior, também o todo – a sociedade – não se explica pela parte – o indivíduo. Para ele o fato social pressiona o indivíduo, torna-se uma força diante da qual este é coagido a uma participação independente da sua vontade.

Assim sendo, o autor relata que cerca de cinquenta anos depois, ao dar a aula inaugural da cátedra de Antropologia Social no Collège de France, faria uma homenagem a todos os grandes mestres, fundadores e pioneiros da disciplina. Encerrou, porém, sua palestra falando do “outro”.

Diante de uma globalização cada vez mais feroz e impositiva, em que a ideia é transformar o mundo em uma única "aldeia", em um mundo onde decisões internacionais tentam cercear a independência e identidade dos povos, em uma realidade em que a violência e o desrespeito ao "outro" ainda é vista por muitos como algo normal e o preconceito tem feito uso de novas ferramentas como a camuflagem, essa discussão sobre relativização e etnocentrismo é cada vez mais necessária e complexa.

Não podemos tampar o sol com peneira, afirmando não haver processos etnocêntricos em nossa sociedade, pois essa discussão vai muito além do nosso mero conhecimento. Ainda vivemos em uma sociedade que a discriminação vai muito além da cor, religião ou opção sexual, mas que sem sombra de dúvida ultrapassa o respeito pela própria dignidade humana.